

Discurso do Bastonário da Ordem dos Advogados

Sr. Ministro

No início do triénio, a findar daqui a poucos dias, deu-nos V. Ex.^a a honra de presidir à sessão solene realizada nesta Ordem; hoje volta a honrar-nos presidindo à sessão solene que encerra esse período.

Três anos são pouco tempo se os olharmos no seu fim; mas são muito tempo quando os fomos vivendo dia a dia, entre aspirações e anseios, na preocupação constante de corresponder à confiança em nós depositada.

Nestes três anos em que o alto cargo de V. Ex.^a e o meu nesta Ordem nos têm obrigado a um frequente contacto, tenho sido compelido, muitas vezes, a solicitar-lhe diligências e providências — que do Presidente da Ordem, que só tem para dar o que recebe do Ministro, muito se espera e tudo se pede.

Sempre encontrei a melhor compreensão e o melhor acolhimento. A tal ponto que bem posso afirmar não ter tido dificuldade em compreender, embora inconformado, a razão invocada para o pouco que não tive.

Comecei reclamando aumento de receitas, e tive-o. A vida da Ordem, deficitária, encontrou o equilíbrio.

Acidentes vários, ferindo advogados, impressionaram dolorosamente a corporação: os meus passos não foram perdidos ao solicitar providências.

Um numeroso grupo de colegas foi preso em circunstâncias que me impuseram intervir, e ainda não foram inúteis as diligências que tentei.

Delas resultou poder levar aos colegas presos o conforto da presença do Presidente da sua Ordem, e a possibilidade que este ficou tendo de visitar sempre os colegas em idênticas situações, com a simples invocação daquela sua qualidade.

Um incidente grave com outro colega pôde concluir em bem, e tal

certamente não sucederia se encontrasse a opposição do Ministro da Justiça.

Ainda recentemente, no reconhecimento da acção dedicada e brilhante do presidente da nossa Caixa de Previdência, à sua iniciativa ficámos a dever a condecoração que tão justamente lhe foi atribuída, e sobretudo a sua presença à cerimónia da imposição, tão amavelmente feita pelo Chefe do Estado.

Na preocupação de restabelecer a Ordem na grandeza em que foi criada, com os direitos e garantias com que nasceu e que são condições do seu prestígio, tenho igualmente encontrado um apoio que espero ver, em breve, traduzido em grata realidade.

A presença de V. Ex.^a aqui, a presidir a esta sessão, representa tanto para nós, que nem todos o poderão avaliar.

Associando-se à homenagem que prestamos, reconhece quanto ela é devida e merecida.

Em nome da Ordem dos Advogados, apresento a V. Ex.^a os protestos de muita gratidão.

Quanto a mim, V. Ex.^a vai permitir que lhe diga, sem excluir o respeito que devo ao Ministro a quem a Ordem por lei está subordinada, que nem a diversidade de opiniões e de ideias alguma vez perturbou este convívio sempre amável que me tornou seu devedor ao mesmo tempo que alicerçou uma grande admiração e muita estima pessoal.

Estas tinham de ser, Sr. Ministro, as minhas primeiras palavras desta noite.

Pode o destino negar-me outra ocasião — o futuro é tão incerto ! — de dirigir publicamente aos meus colegas nos Conselhos da nossa Ordem as palavras que tenho para dizer-lhes.

Aproveito, portanto, esta oportunidade.

Na minha alma, a ingratidão não tem guarida; agradecer o bem que recebo é consolação que nunca dispenso e sinto-a nos próprios lábios quando pronuncio as palavras em que a exprimo.

Sinto-a, neste momento, ao agradecer-lhes, meus prezados colegas, a colaboração que sempre me deram no decorrer destes três anos; a dedicação com que os tive sempre a meu lado, dando-me incentivo e aplauso — unânimes, dedicados, tão certos como nunca mais certa foi uma colaboração.

Permito-me referir especialmente o Conselho Geral, por ser aquele

com quem venho trabalhando directamente. Entre aqueles que o compõem havia alguns que eu mal conhecia e a um nunca sequer o vira, ao tempo em que se iniciaram os nossos trabalhos.

Uma aspiração comum nos uniu; o convívio fez com que nos ficássemos bem conhecendo uns aos outros; e foi isto e mais o tempo, que criaram uma amizade que nenhum tempo será capaz de destruir ou abalar.

Dou por compensadas todas as horas menos boas que esta presidência me proporcionou, com a dedicação que encontrei, pela Ordem e até por mim, nos excepcionais colaboradores que o Destino me deu; e considero como bem inapreciável — activo que nenhum passivo diminui — o orgulho — a honra! — de haver presidido a tão nobres e tão distintos colegas.

Sr. Ministro
Prezados Colegas
Minhas Senhoras
Meus Senhores

Nesta sessão, em que tão justamente prestamos homenagem à memória de um dos nossos, muito teria de censurar-me se não lembrasse todos os que nos ficaram pelo caminho neste triénio prestes a atingir seu fim.

E não me perdoaria se, dentre todos, não especializasse dois, que foram grandes advogados também e que, na Ordem, deverão sempre ser recordados, pelo aprumo com que exerceram a profissão e pelos grandes serviços que lhe prestaram.

Barbosa de Magalhães teve de ser o primeiro. Se outras razões não o impusessem, bastante poderosa seria e bastaria ter sido, como foi, seu inesquecível presidente.

Os dois cujos nomes vou citar foram seus amigos; um, companheiro de horas boas e más; e o outro, que lhe prestou valioso e espontâneo serviço em hora dura da sua vida.

Abel de Andrade, professor e também grande advogado, fez parte dos Conselhos desta Ordem; coube-me a honra de o receber em nome da Academia das Ciências, quando, não há muito, tomou posse da sua cadeira de efectivo.

Nascidos na mesma terra, Carlos Olavo foi meu companheiro de escritório duas dezenas de anos; juntos, fizemos parte, durante muitos

anos, dos Conselhos desta Ordem; e disputámos várias vezes, juntos também na mesma lista, eleições que nos fizeram deputados.

Com idêntico pensar, trabalhando lado a lado, lutando juntos na profissão e fora dela, a amizade que nos ligou foi consequência lógica e, poderia dizer, inevitável.

Invoco as suas memórias para lhes prestar, em nome da Ordem e no meu próprio, homenagem de respeito e de admiração.

Minhas Senhoras

Meus Senhores

Cumprem-se deveres, precisamente e sòmente porque o são; e há deveres que se cumpririam, mesmo que o não fossem.

Ê a devoção, com primazia sobre a obrigação.

Aqueles podem representar sacrifício; estes dão conforto. O coração associa-se com entusiasmo; sente-se a consoladora sensação da alma a impelir-nos. Bem se sabe que não pagamos o que devemos; mas experimenta-se o conforto do devedor que entregou ao seu credor uma prestação.

Esta homenagem — tão merecida ! — que a Ordem hoje presta a quem foi um dos seus mais ilustres presidentes é das que o dever impõe; mas é também daquelas que o coração exige que se cumpram. A gratidão pelos enormes serviços recebidos, aliada à admiração pelas formidáveis qualidades de quem tanto honrou a profissão que abraçou, e tão grande soube ser, impõem que se não falte.

Admito que, realizada mais tarde, pudesse ter maior brilho. Mas o futuro é o que há de mais incerto e não lhe falta o frio gelado do tempo; só o presente tem calor.

Para mim, porém, uma razão havia ainda, não menos poderosa, para agir com pressa: dos três anos da minha presidência, estava a decorrer o último e eu não queria que fosse outro a presidir a esta sessão.

Não tem grande flexibilidade a minha espinha — não me importa confessá-lo; mas ela verga-se, dobra, no reconhecimento deste grande valor, ao tempo em que a saudade se transforma em garra que ao coração faz doer.

Barbosa de Magalhães foi, na verdade, em todas as suas actividades — advogado, professor, juriconsulto, parlamentar, estadista, diplomata — muito, muito grande.

Se, para referi-lo, houvesse de empregar-se a palavra homem, estaríamos perante um dos casos em que essa palavra teria de ser escrita com H grande.

Raras vezes, na verdade, essa maiúscula será utilizada com razão maior. E em raros casos, também, o meu coração falará tão alto, a impor-se-me.

Em Maio de 1919 — quarenta anos há 4 meses completados — fui eleito deputado pela primeira vez; e pouco tempo depois, assistia à primeira reunião do grupo parlamentar do meu partido — o mesmo em que militava Barbosa de Magalhães.

Estou a vê-lo como era então, magro, a cabeça empoleirada sobre um altíssimo colarinho de goma, nervoso e dogmático, barba que parecia estar sempre apontada contra nós a agredir-nos, e um irritante monóculo provocador, que dava a impressão de «fazer pouco» daqueles novatos, cheios de tremuras ao ouvirem os experientes, como ele, dos quais se falava lá longe, nas terras da província, como de semideuses superiores, cujas palavras e conceitos deveriam constituir sentenças irrecorríveis.

Por mal dos meus pecados, os 28 anos que eu tinha eram irrequietos e irreverentes; talvez mesmo um pouquinho atrevidos.

Logo no primeiro dia as coisas não correram numa harmonia perfeita entre nós dois. Aquela suavidade que era quase normal no recebimento, pelos novatos, das observações dos veteranos esteve muito longe nesse dia.

Não sei se ele teria ficado a antipatizar comigo; eu fiquei — não tenho dúvida em confessá-lo.

Ele não era assíduo às reuniões do grupo parlamentar; mas não sei se alguma vez lá foi sem haver diálogo pouco amistoso entre nós.

O seu modo sentencioso irritava-me; a forma desabrida com que intervinha tinha o poder de desesperar-me.

Passados uns dois anos, Alvaro de Castro abriu uma cisão no partido, dele saindo com alguns. Barbosa de Magalhães ficou; eu saí.

Essas questões acabaram; e, embora ambos tivéssemos continuado a ser deputados até 1921, outras questões não surgiram entre nós, no Parlamento, ou fora.

Penso, porém, que ele nada ficava a dever-me na generosa retribuição de uma antipatia franca e aberta.

Barbosa de Magalhães era já há muito sócio correspondente da Academia das Ciências, quando eu, em 1924, fui eleito também.

Sete anos depois, ao abrir-se uma vaga de efectivo, os que tinham de preenchê-la não estavam de acordo. Para uns a efectividade conquistava-se com a presença e com a colaboração assídua; para outros, havia que pesar os títulos que apresentasse cada candidato e ter-se em conta também a idade e a antiguidade.

Contrariamente ao que passou a fazer depois de efectivo, Barbosa de Magalhães não apresentava trabalhos seus à Academia e raríssimas vezes assistia às sessões; eu fazia parte de um grupo de correspondentes que se candidatavam à efectividade, frequentando assiduamente as sessões e apresentando estudos com a regularidade estatutária.

Ao recordar essa época, que faz parte do tempo — já tão distante! — da mocidade completa que foi a minha mocidade, tenho presentes Queirós Veloso, Joaquim Leitão, Francisco António Correia, Moses Amzalak, Laranjo Coelho e outros, que formavam comigo aquele grupo e que, já efectivos quase todos, entendiam não dever deixar-me para trás.

Quando tive conhecimento da existência dos dois... partidos, não tive hesitações: Barbosa de Magalhães, além de todos os outros títulos de superioridade — e eram muitos — tinha o de ser mais velho e mais antigo. Eu tinha mais tempo na minha frente. Escusei-me a ser candidato; ficaria para outra vaga.

Essa vaga, efectivamente, surgiu poucos meses depois. Ao ser feita para ela a minha eleição um amigo comum informou-o daquela minha atitude. Barbosa de Magalhães—sem ter, como eu também não tivera—curiosidade de saber qual de nós dois, em caso de luta, teria sido o vencedor, procurou-me propositadamente e falou-me nos seguintes termos, que retive por muito neles haver meditado e que tenho a certeza de fielmente reproduzir :

— «Sem querer magoá-lo, quero dizer-lhe que, em meu entender, a vaga deveria ser para mim. Tinha duas preferências : a idade e a antiguidade. Mas, seja como for, nada diminui a sua atitude e eu quis vir pessoalmente dizer-lho».

Não creio que alguém possa pensar que, ao referir este facto, eu tenha o propósito de encarecer aquele meu procedimento, pois nunca tive dúvida — nem tenho — de que apenas fiz o que era justo, o que devia e me competia fazer.

Refiro-o, porque este passo revela a sua maneira de ser e dá-nos bem a medida do seu belo carácter.

Repare-se: Não agradecia, mas reconhecia; não abdicava do que

entendia ser um direito seu, mas não queria deixar de retribuir com uma gentileza, outra gentileza; a delicadeza da sua alma era tal que, bem podendo socorrer-se de inúmeros títulos de superioridade em relação a mim, limitava-se a invocar idade e antiguidade — aqueles, somente, que uma certidão e um registo comprovavam, indiscutíveis portanto, e insusceptíveis de melindrar.

Quando regresssei de acompanhá-lo à porta, fiquei a meditar, depois de fixá-las, nas suas palavras.

Elas tinham-no revelado. Reconheci fàcilmente que, até então, me fora desconhecido.

Nasceu nesse dia a amizade em que se transformou a antipatia do nosso primeiro encontro. Nestas três dezenas de anos que decorreram desde então, sempre ela se estreitou, mais, mais, e chegou a ser tão grande como a de dois irmãos — ele o mais velho, de quem eu utilizava experiência e conselho, na crescente admiração do seu muito saber e no enternecimento pelas virtudes que o faziam chefe de família modelar e inigualável amigo.

Barbosa de Magalhães cortara com o cigarro, que muito contribuíra para o ensurdecer; e, livre desse vício, só outro lhe ficou, que o venceu quase até morrer: o trabalho.

Uma só noite, em cada semana, reservava para seu descanso; e nessa, ainda por vezes pagava com o cansaço da madrugada o descanso que se destinara.

Nessa noite — quase sempre a de quinta-feira — reunia os seus amigos numa partida de bridge.

O bridge, porém, exigindo memória e atenção, começou a fatigá-lo. A canasta, na sua simplicidade, pôde substituí-lo.

Mas por pouco tempo. O seu declinar era mais visível em cada novo dia, e a própria canasta já também o cansava.

Era ainda o trabalho o que mais o distraía, e eu não faço bem ideia do esforço que deveria despender para ler e até para escrever.

Menos talvez de dois anos antes de morrer, tivemos de discutir na Relação e depois no Supremo — um por cada parte — importante recurso.

Nunca trocámos palavra acerca de tal processo até ao dia em que, esgotados recursos e reclamações, ficámos em frente de uma decisão definitiva.

O seu entusiasmo pelas causas que lhe eram confiadas não lhe permitiu resistir mais. Nesse dia — um daqueles em que costumava ir a

sua casa —, mal eu entrara, o processo surgiu; e continuaria de viva voz uma discussão em que gastáramos, de parte a parte, alguns cadernos de papel selado, se eu, vendo-o logo a tossir e a arfar cansadíssimo, lhe não pusesse termo, gracejando :

— Perdão — disse-lhe — a advocacia é uma profissão remunerada em que a vida se ganha honestamente. Os nossos serviços aos clientes deixaram de ter utilidade com o findar do processo e só pelos úteis é lícito apresentar-lhes conta de honorários...

Sorriu, compreendendo que a minha escusa à discussão, surgindo pela primeira vez, só poderia ter o propósito de poupar-lhe aquele resto de forças que ainda tinha.

Conforta a minha amizade tê-lo acompanhado tanto quanto me foi possível e a sua doença consentia; e, sobretudo, guardo como consoladora recordação aquelas vezes em que o ia encontrar abatido, vencido, e conseguia levantar-lhe o ânimo, deixando-o com incomparável melhor aparência e melhor disposição.

— Volte depressa — dizia-me. Bem vê que me traz melhoras.

Para aceitar ser proposto para este cargo, Barbosa de Magalhães teve decisiva intervenção.

Penso que nesse episódio se colhe novo elemento para bem se conhecer o seu modo de ser, e vou narrá-lo.

Eu sabia muito bem que esta honra maior da minha vida — e algumas ela me proporcionou — poderia ser paga por grande preço, não apenas em trabalhos, mas em dissabores e amarguras; que poderia ter de enfrentar deveres a que nunca soube eximir-me e temia a fragilidade dos meus ombros no enfrentamento das situações e no suportar das correspondentes consequências.

Barbosa de Magalhães apenas uma vez em tal me falara e eu supunha, por isso mesmo, que era seu propósito não influir na minha decisão.

Certo dia, porém, quando em sua casa dele me despedia, disse-me, abraçando-me :

— Esqueça, se quiser, o que há de honroso na eleição; mas não esqueça que é seu dever não recusar aos seus pares o serviço que de si reclamam. Nunca lhe conheci horror às responsabilidades e espero que o não revele desta vez.

Estava com pressa, e a sua surdez muito dificultaria fazer-lhe ouvir a minha resposta. E — vá, confesso — as suas palavras e o tom que lhes emprestara haviam-me chocado.

Nada respondi; mas ele tocara, na verdade, uma corda sensível, pois instintivamente recordei o meu tempo de rapaz, o mar, o meu barco e as ondas a que nunca voltei as costas e que sempre recebi de frente, cortando-as com a proa — isso a que devo, talvez, certo jeito que me ficou.

No dia seguinte chamou-me ao telefone para me dizer:

— Bem sabe que estou completamente surdo (era, infelizmente, exacto) e escusa, portanto, de responder-me seja o que for, porque não posso ouvir. Quero sòmente dizer-lhe que a minha assinatura é a primeira na apresentação da sua candidatura. Dispensó-me de dizer-lhe, porque não acredito que o faça, quanto me ofenderia se essa circunstância nada representasse para si.

Colocava-me perante o facto consumado, e coacto. Era precisamente exacto que ele sentiria a ofensa; e eu nunca tive dúvida de que a sua doença a aumentaria. Ninguém que o conhecesse poderia tê-la.

E foi assim, com esta simplicidade, que pôs fim às minhas hesitações.

Ele, porém, nunca também duvidou da eficácia que havia tido a sua intervenção. Convenço-me de que, sentindo-se um pouco responsável por certas horas atribuladas que o Destino me proporcionou, teve nelas compartilha, pois, embora doentíssimo, assistiu sempre com vivo interesse à evolução dos acontecimentos.

Devo confessar — é mais uma homenagem que lhe presto — que o seu aplauso e o reconhecimento de que, afinal, eu não tinha horror às responsabilidades, representou amparo inigualável e a quase certeza de bem ter procedido.

Minhas Senhoras

Meus Senhores

Tenho o dever de confessar que fui tentado a cometer o feio pecado do egoísmo, quando pensei em realizar esta sessão.

Não vi logo — talvez pela perturbação que me causara aquela perda tão recente — que me competia por direito receber o sucessor de Barbosa de Magalhães na sua cadeira de Académico efectivo e que, portanto, oportunidade me não faltava de fazer o seu elogio histórico; e senti, imperiosa, a tentação de ser eu próprio a fazê-lo.

Se é verdade — como tenho ouvido — que «pecado confessado é

meio perdoado», a confissão aí fica, na mira do perdão, embora a verdade ainda mande que francamente esclareça não ter sido sem reserva que cedi o lugar.

O elogio histórico de Barbosa de Magalhães, nesta Ordem, já que o não fazia o presidente, havia de ser confiado a quem, por seu mérito e situação na classe, esta aceitasse como sendo aquele que mais direito tinha de fazê-lo.

Não havia que hesitar: Barbosa de Magalhães era advogado e professor e foi presidente desta Ordem. Reunindo estas qualidades, só havia inscrito um advogado: o Dr. Adelino da Palma Carlos.

E porque o seu mérito era também incontestável, só faltava obter a sua aquiescência, depois da concordância do Conselho Geral.

A concordância veio imediatamente, com o reconhecimento de ter sido feliz a indicação; a aquiescência foi dada com agradecimento pela oportunidade de prestar uma homenagem justíssima a quem tanto admirava e queria.

O sr. Professor Palma Carlos presta mais um grande serviço à sua corporação. Mais um a juntar aos muitos que lhe tem prestado, principalmente desde há 10 anos a esta parte.

Seu vice-presidente, presidente do Instituto da Conferência e director da *Revista* em 1949, dirigiu também, em 1950, a Conferência dos Estagiários. Eleito Presidente da Ordem para o triénio de 1951 a 1953, foi reeleito para o de 1954 a 1956.

Tendo sempre no exercício deste cargo defendido com energia a independência da profissão e desenvolvido a sua acção cultural, conseguiu pôr em funcionamento a Caixa de Previdência, obtendo a publicação do respectivo regulamento.

O seu valor, tem-no revelado constantemente.

Contratado como individualidade de excepcional competência para exercer, com a categoria de catedrático, o lugar de professor da Faculdade de Direito de Lisboa, em que se doutorara em 1934, foi mediante concursos de provas públicas a que seguidamente se submeteu, professor extraordinário e é hoje professor catedrático daquela Faculdade.

Não é possível enumerar aqui todas as obras de que é autor — tantas são; desde o *Erro judiciário*, o *Contrato de fretamento no Código Comercial Português*, *A hipoteca e o registo*, *A certeza da dívida e o justo receio da insolvência ou da dissipação de bens como requisitos legais do arresto*, passando pelo seu *Código de Processo Civil anotado* até às suas *Lições de processo penal*, *Direitos reais* e *Direito processual*

civil, há uma verdadeira montanha de trabalhos jurídicos a afirmar a sua competência e o seu valor.

Uma e outro já ultrapassaram as fronteiras de Portugal. O sr. Professor Palma Carlos foi eleito em 1956 vice-presidente da Union Internationale des Avocats; reeleito em 1958, no congresso de Milão de 1959 foi escolhido, em Paris, para presidente do Bureau da União no biénio de 1960-1962.

Esta situação excepcional impunha que a não perdêssemos. Com vivo prazer, usando de faculdade legal, nele deleguei, quando assumi a presidência, a representação desta Ordem junto das associações congéneres estrangeiras.

Em boa hora o fiz. A advocacia portuguesa, mercê da sua acção, tem vindo a ocupar lugar privilegiado entre as dos outros países.

Não deixo escapar o momento que me proporciona oportunidade de encarecer os importantes serviços que assim tem vindo a prestar; nem esqueço a representação desta Ordem na Câmara Corporativa, em que, acedendo ao meu pedido, continuou e onde tem redigido pareceres notáveis, de que especializo os referentes ao registo da propriedade automóvel, às expropriações por utilidade pública e o referente às alterações do Código de Processo Penal, verdadeiramente notável, de que resultou a lei que permitiu a esta Ordem ver realizada uma reivindicação que acontecimento recente tornara vital para ela.

A sua grande competência como advogado tem-se afirmado nos mais notáveis processos dos últimos 30 anos: o da Companhia Nacional de Navegação, os das burlas do estanho e dos seguros de vida, o relativo à validade do testamento de Gulbenkian, o do Papel do Prado, etc., etc.

Estava na melhor mão — sem dúvida, e vamos ver que sim — o elogio histórico de Barbosa de Magalhães.

E dava-se, ainda, uma coincidência interessante: sendo Palma Carlos presidente, fiz eu o elogio histórico de Barbosa de Magalhães pai; faz ele, agora, o de Barbosa de Magalhães filho, sendo eu o presidente.

A Ordem fica a dever-lhe mais este serviço. Sei que o magoaria se lho agradecesse em nome dela e, por isso mesmo, só em meu nome o faço.

Minhas Senhoras
Meus Senhores

«Nada voa tanto como o pensamento» — é frase muito empregada na terra onde nasci. E corresponde sem dúvida a uma realidade.

Podem medir-se as velocidades da luz e do som, por experiência, posso afirmar que a do pensamento não é susceptível de medida.

Percorre-se, em menos de um suspiro, o espaço entre a infância longínqua e o presente, mesmo que o presente seja a idade madura ou a própria velhice; e se, em vez de uma grande distância a percorrer, é em ponto restrito que o pensamento se detém, a velocidade é a mesma na fixação do pormenor, no particularizar com minúcia.

Um milésimo de segundo basta-lhe para erguer as muralhas da China; e mais não lhe é necessário para reconstruir o paraíso de Adão ou até para fantasiar o Céu dos crentes com seus anjos e santos.

Um facto, mesmo aparentemente insignificante — um nada — pode representar o início de uma grande excursão, que pode mesmo ser feita no campo do abstracto ou da pura fantasia.

Sei-o, porque o tenho experimentado várias vezes. E ainda há dias mais uma vez o experimentei, perante o simples cair das folhas de uma árvore.

Num jardim vizinho da minha residência, uma árvore grande e frondosa — já assim grande e frondosa quando, há cerca de vinte anos, entrei para a sua vizinhança — estende os braços enormes, apontando-os em todas as direcções e proporcionando sombra e frescor quando, no verão, uma e outro tanto se apreciam.

Há poucos dias, chegando à janela, reparei em que, desses ramos, em regular cadência, caíam as folhas que eu vira nascer poucos meses atrás.

Era um dia lindo, cheio de sol e da luz clara do outono. As folhas despegando-se, como em desafio de umas às outras para primeiro chegarem — as folhas que foram verdes, viçosas, que eu vira nascer — caíam murchas, mortas, ao pé da árvore que as criara.

Fixei especialmente uma delas que, isolada, mais forte, maior, se conservava presa ainda ao seu ramo. O vento sacudia-a mansamente, como se sentisse mágoa por ter de arrancá-la; mas, num descuido, um sopro menos manso despegou-a, e ela, oscilando, veio acabar de morrer, estendida, junto às outras, no chão.

Os ramos pareciam secos e estavam quase despidos; outras folhas continuavam a cair, despegando-se uma a uma e juntando-se como peregrinos em romaria, ou como se, aconchegadas, quisessem juntas morrer.

Depois, voltaria a primavera, de novo se formariam os borbotões e, deles, novas folhas surgiriam, em obediência à lei da renovação das espécies, inexorável em matar e fazer nascer.

Daquela folha — de todas aquelas folhas — parti e quase sem dar por isso estava a generalizar.

É, na verdade, assim que tudo se passa. Tudo nasce para morrer. A vida é simplesmente uma transição entre o nascimento e a morte — rapidíssima, se compararmos com a do mundo a sua duração.

Por que será que se esquece, sempre e completamente, essa verdade, procedendo-se como se a vida houvesse de durar eternamente, sem se pouparem os trabalhos, os sacrifícios, esforços e canseiras ?

Não sei por que associação de ideias, o meu pensamento dirigiu-se para Barbosa de Magalhães.

E foi ele que eu passei a ter como se estivesse na minha frente, vivo ainda.

Vi-o, no vigor da vida, no grupo parlamentar, na bancada ministerial ou no seu *fauteuil* de deputado, o monóculo a faiscar quando fazia os movimentos impetuosos dos seus nervos indomáveis. Vi-o, depois, em Coimbra, brilhando no julgamento de Serrazes, e em seguida em Lisboa acusando os falsificadores no julgamento que ficou conhecido pelo do Angola e Metrópole.

Quis adivinhar, pelo triunfo completo que alcançou, a sua actuação no julgamento em país alheio da acção em que o Estado português reclamava da Alemanha as indemnizações por prejuízos sofridos na 1.ª Grande Guerra. Assisto de novo a essa grande, brilhante, oração que produziu na Academia das Ciências em seguida à sua eleição para efectivo.

Depois, é aqui que o vejo, enérgico na reclamação dos direitos da Ordem, lutando pelo seu prestígio, colaborando quase sem uma falta no Instituto da Conferência e dando uma das maiores contribuições para o brilho que este alcançou nessa época — a sua melhor época.

Diluem-se em seguida estas visões — que eu chamarei do exterior — para surgirem, em seu lugar, imagens vincadamente pessoais.

Encontramo-nos agora juntos, em luta inglória que travamos lado a lado. E tudo, como em *écran* que deixasse de ser iluminado, desaparece, se apaga, substituído pelo trabalhador incansável, na sua mesa de trabalho, investigando sempre, escrevendo sempre, como se a ânsia de saber e a devoção de ensinar nunca houvessem de extinguir-se.

Passo a vê-lo à luz que surge na madrugada, ainda na mesa de trabalho, e só deixo de a ela o ver quando a doença o vai minando mais profundamente e vencendo; mas, ainda assim, é sòmente aos poucos.

na medida em que as forças lhe vão faltando, que vai cedendo — lutador incansável que só a morte tem força para vencer.

Voltei a fixar o montão de folhas que se acumulavam junto à árvore minha vizinha, e aquela maior que o vento isolara ao fazê-la cair.

Em toda a sua grandeza, surgiu, a impor-se-me, o fenómeno da renovação das espécies — lei criada, sem excepções, se não esquecermos que lhe está incluída a transformação.

Tudo morre, porque envelhece e tem de ser renovado.

Reconheço que é assim mesmo. Não me incluo em o número daqueles que desejariam uma mocidade insusceptível de envelhecimento, para não ser necessária a renovação.

O mundo estagnaria. As gerações, ao passo que se sucedem, vencem novos obstáculos, fazem novas descobertas e aperfeiçoam aquelas que as gerações anteriores conseguiram fazer.

Submeto-me a essa lei com a perfeita consciência da sua grandeza. Ela mata para fazer nascer.

As folhas que ainda estavam sob o meu olhar também seriam substituídas por outras folhas, que a Primavera faria surgir de novos borbotões.

Só, porém, o que é material está sujeito a essa lei. Os valores espirituais fogem, escapam-se-lhe. As gerações sucedem-se e ficam sempre vivendo aqueles que foram grandes.

Para que assim suceda em relação a Barbosa de Magalhães, aqui estamos. Esta sessão, ao tempo que é grata homenagem, é também a pedra com que a Ordem dos Advogados contribui para o monumento que há-de perpetuar o seu grande valor, carregada com verdadeira devoção por quem tanto o admirou e tanto lhe quis.